



## Índice

- 01** Nova manifestação defende permanência dos índios na Aldeia Maracanã
- 02** Carta Aberta FOIRN: O choro das mães ecoa pelas aldeias Hup. É ensurdecador
- 03** Governo investe na formação acadêmica para os povos indígenas
- 04** Comitê da Verdade planeja visita a aldeia indígena no AM
- 05** Mapa vistoria reserva indígena
- 06** MPF-AM exige melhorias para saúde indígena
- 07** Funai registra migração de índios isolados do Peru para o Acre
- 08** Defensores da Aldeia Maracanã afirmam que luta continua
- 09** Romeu e Julieta indígena: noivado contra a vontade das tribos
- 10** A saga dos índios na Aldeia Maracanã
- 11** Grande Assembleia Munduruku mobiliza indígenas
- 12** Índios de diversas aldeias ocupam a sede da SESAI no município de Sena Madureira
- 13** Conheça a triste realidade dos índios no Brasil
- 14** Dilma pede que MDA prepare nova proposta para quilombolas



---

**Nova manifestação defende permanência dos índios na Aldeia Maracanã**  
SÍTIO CENARIOMT, 03.02.2013

Rio de Janeiro - Políticos, representantes da sociedade civil e índios promoveram hoje (2) nova manifestação em defesa da manutenção da Aldeia Maracanã no prédio do antigo Museu do Índio, nas proximidades do Estádio Maracanã, na zona norte da cidade. O prédio estava ameaçado de demolição para a construção de um estacionamento no local.

O movimento teve como tema Não à Remoção da Aldeia Maracanã. O objetivo foi manter a sociedade civil mobilizada em torno da causa, deflagrada quando foi anunciada a demolição do prédio, ocupado desde 2006 pelos índios.

A manifestação foi convocada, principalmente, pela internet. Na mensagem, os organizadores defendiam a necessidade de, "juntos, mostrar ao mundo que a Aldeia Maracanã continua a sua luta pela resistência à desocupação do edifício.

"Queremos o maracá, os grafismos, as cosmologias, todos os saberes indígenas e não apenas o prédio. Queremos o projeto de nossa Universidade Indígena, a primeira do Brasil. Queremos a presença viva do indígena no coração da cidade do Rio de Janeiro. Aldeia Maracanã, avante!", dizia o cartaz que chamava para a manifestação.

O deputado federal Marcelo Freixo (PSOL), que esteve por pouco tempo no local, lembrou que o eixo do debate, antes em torno da preservação do patrimônio arquitetônico, mudou e que agora o fundamental é a permanência dos índios no local.

"O destino do prédio só pode ser pensado em um contexto que inclua a permanência dos que nele estão", disse Freixo, para quem a decisão sobre o destino dos índios "é tão importante quanto a decisão do governador de não demolir o prédio".

A decisão do governo do Rio de não demolir o prédio da Aldeia Maracanã foi anunciada, em nota, pelo Palácio Guanabara no último dia 28. De acordo com a nota, o governo levou em consideração as ponderações da sociedade a respeito do edifício histórico e analisou os estudos de dispersão do estádio – o principal argumento para a demolição –, concluindo ser possível manter o prédio no local. Insistiu, no entanto, na necessidade da saída dos índios.

Construído em 1862, o edifício – que pertencia à Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), do Ministério da Agricultura, abrigou o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), depois a Fundação Nacional do Índio (Funai) e, até 1978, o Museu do Índio. Recentemente, foi comprado pelo governo do estado que pretendia derrubá-lo com o objetivo de melhorar a mobilidade urbana no entorno do Maracanã.



**Carta Aberta FOIRN: O choro das mães ecoa pelas aldeias Hup. É ensurdecedor**  
SÍTIO CIMI, 03.02.2012

O choro das mães ecoa pelas aldeias Hup. É ensurdecedor. Os pais carregam suas filhas nos braços. O cemitério abre-se novamente. São mais duas crianças. Duas meninas que vimos sorrir, falar e andar pelas casas. Começavam a conhecer o mundo, os rios, os caminhos da mata. Começavam a brincar. Receberam seus nomes ancestrais escolhidos cuidadosamente por seus avós. Suas almas, recém chegadas do Lago de Leite, foram protegidas contra todas as doenças causadas pelas gentes-peixe, pelo Trovão, pelas gentes-cobra. Infelizmente, não resistiram às "doenças dos brancos". A gripe e a diarreia, a falta de medicamentos e atendimento médico, a sempre "falta de combustível" e a discriminação étnica venceram mais uma vez. Todos se reúnem em torno dos pequenos corpos. Abrem a cova. E choram. Choram ao ver crescer o /Dö'däh höd/, o cemitério das crianças. Choram ao ver crescer sua tristeza e revolta. Jovino, Agente Indígena de Saúde (AIS) diz "não conseguimos segurar a vida". Assim como os Hupd'äh, nós, médicos, enfermeiros, lideranças indígenas, pesquisadores, políticos não conseguimos segurar as vidas.

Fatigados de relatórios, cansados de documentos enviados às instâncias competentes, viemos a público denunciar a situação crônica vivenciada pelas populações indígenas no Alto Rio Negro, Amazonas, no que tange à assistência em saúde.

A evasão gradual das ações do Distrito Sanitário Especial Indígena Alto Rio Negro (DSEI-RN) desde 2008 desenha um quadro epidemiológico desolador entre os 23 povos que habitam o maior mosaico de terras indígenas do país. Sintomas clínicos como diarreias, facilmente tratáveis, transformam-se em enfermidades graves e levam dezenas de crianças menores de cinco anos a óbito. Baixo peso em poucas semanas vira desnutrição aguda. Constipações comuns na infância indígena tornam-se pneumonias e matam outras dezenas de crianças.

Com 25 Pólos-base, distribuídos entre as seis extensas calhas de rio da região Rio Negro, o DSEI-RN desassiste as comunidades indígenas sem a presença permanente das equipes de saúde em seus territórios de atuação.

Na calha do rio Tiquié, em 2008, quatro (04) crianças morreram de coqueluche na comunidade de Taracúá Igarapé. Em novembro de 2010, houve três (03) mortes de crianças Hupd'äh nessa mesma comunidade antes da chegada do resgate do DSEI. No mesmo período havia muitas crianças com gripe e diarreia numa comunidade localizada um pouco acima, Barreira Alta, sendo que um caso considerado gravíssimo era de pneumonia aguda, além do quadro associado de desnutrição. Resgate solicitado. Resgate não realizado. Em 2011, na Comunidade Hupd'äh de Fátima, uma criança de 2 anos de idade faleceu em consequência da diarreia, segundo o AIS local. Em janeiro de 2012 o AIS havia informado que desde julho de 2011 não havia visita da equipe de saúde em Fátima. Recentemente, em Taracúá Igarapé, em 16 de janeiro de 2013, recebemos a notícia de que mais duas crianças – de dois e um ano de idade – faleceram em decorrência de vômito e diarreia. Os Hupd'äh ainda informaram a existência de muitas crianças com virose.

CONT.



De acordo com a informação de uma professora da etnia Hupd'äh, da comunidade de Taracuá Igarapé, em 2011 não houve visitas do DSEI à comunidade, exceto para cobertura vacinal. As crianças se encontravam gripadas e algumas com diarreia. Outro professor Hupd'äh da comunidade de Barreira Alta, também localizada na calha do rio Tiquié, informou que na comunidade havia vários casos de gripe e diarreia, principalmente nas crianças. Crianças menores de 05 anos com baixo peso pode indicar escassez sazonal de alimento, enfermidade localizada, mas óbito por desnutrição, como experienciam as comunidades do rio Tiquié, indica descaso, omissão, ausência de assistência e infraestrutura.

O DSEI Alto Rio Negro, responsável pelas ações de atenção básica aos povos indígenas nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos, parece há mais de cinco anos com gestões desarticuladas aos propósitos da política nacional de saúde indígena, equipes em saúde despreparadas para o trato intercultural, caos logístico para prestar um serviço com eficiência e um controle social invisibilizado pela práxis governamental.



## **Governo investe na formação acadêmica para os povos indígenas**

SÍTIO TERRA, 03.02.2012

Cem acadêmicos indígenas, de 32 etnias diferentes, concluíram mais uma etapa do seu processo de graduação neste sábado (02.02), na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Durante todo o mês de janeiro, os alunos se reuniram em Barra do Bugres para as aulas presenciais dos cursos de licenciatura em Pedagogia Intercultural; Línguas, Artes e Literatura, Ciências Sociais e Ciências da Matemática e da Natureza na Escola Agrícola de Barra do Bugres. Nos próximos meses estarão em suas aldeias, onde já atuam como professores e serão acompanhados pela equipe da Unemat.

O projeto é pioneiro na América Latina. Para entrar na Universidade, os índios têm de passar por um processo de seleção e também são aprovados pela comunidade em que vivem, porque passarão a desempenhar um papel de liderança na aldeia. É o caso do acadêmico Marcelo Munduruku, que pretende se especializar na área das artes indígenas. "Este momento representa uma grande vitória, porque ficamos mais próximo dos nossos sonhos. Na aldeia nós representamos um papel ímpar, a gente se torna um ícone, uma liderança, inclusive para os futuros professores. Até mesmo pela formação intercultural que nós temos aqui".

O diretor de Gestão de Educação Indígena da Unemat, Wellington Quintino, destaca justamente esse intercâmbio de culturas. "O fato de nós termos 32 etnias diferentes aqui representa um grande orgulho para nós. São etnias que nunca se encontram e aqui eles podem interagir, é uma forma de encurtar as distâncias".

"Aqui nós encontramos algo diferente nas salas de aula. Todos os alunos prestam atenção e participam. Nós não precisamos chamar a atenção de ninguém, porque eles reconhecem a importância desta etapa para a vida deles", contou a professora, doutora em linguística, Marília Facco, ao completar ainda que "os acadêmicos que se formarão em 2015, são um exemplo pela sua dedicação aos estudos".

O reitor da Unemat, Adriano Silva, diz que o desejo é que esse projeto avance cada vez mais. Ele lembra que até hoje, a Universidade já formou 300 acadêmicos e também tem oferecido cursos de pós-graduação para os indígenas. O secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, Rafael Bastos, destacou que o Governo do Estado tem o compromisso de oferecer educação de qualidade para os povos indígenas.

O secretário de Estado de Educação, Ságuas Moraes, disse que Mato Grosso é o Estado que, proporcionalmente, mais forma professores de 3º grau indígena. Ele também falou que atualmente o estado tem 69 escolas indígenas e que todas devem estar reformadas até o final do ano, por determinação do governador Silval Barbosa.

A cerimônia ainda contou com apresentações culturais dos alunos e a premiação para o torneio de futebol organizado pelos acadêmicos, vencido pelos xinguanos. A execução dos cursos é feita a partir de uma parceria entre o Governo do Estado, através da Seduc e Secitec, pela prefeitura de Barra do Bugres e pela Fundação Nacional do Índio. Em Julho, os índios voltam para a Escola, para outra etapa presencial.



---

**Comitê da Verdade planeja visita a aldeia indígena no AM**

SÍTIO D24HRS, 03.02.2012

A representante da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Maria Rita Kehl, deve vir ao Amazonas para visitar uma aldeia indígena do povo Waimiri Atroari, em Presidente Figueiredo, município distante 118 quilômetros de Manaus.

De acordo com o coordenador do Comitê Estadual da Verdade, Memória e Justiça no Amazonas, Egydio Schwade, a visita está programada para acontecer no final de fevereiro, na aldeia Yawará, localizada no quilômetro 285 da rodovia BR-174, que liga Manaus a Boa Vista/RR. "A proposta do convite é a representante da Comissão ouvir relatos dos indígenas que testemunharam as agressões e massacre vivenciados por eles próprios durante o regime militar sem intermediações de outras pessoas", afirmou Schwade, que disse que a visita ainda será confirmada.

De acordo com o membro do Comitê Estadual, o jornalista Wilson Reis, a visita da representante da CNV inclui a participação em uma reunião no Sindicato dos Jornalistas no dia anterior à viagem para a aldeia.

No dia 21, o Comitê Estadual realizou a primeira reunião deste ano, quando foi realizada a deliberação sobre a visita de um representante da Comissão Nacional.

"Outra decisão foi o estudo sobre a presença de pequenos agricultores que, atualmente, correm risco de serem expulsos de suas terras por grandes agricultores que teriam grilado terras da União durante o regime militar, os chamados 'Paulistas'. Já há um parecer do Ipaam, onde se defende a permanência destes pequenos agricultores no local", explicou Schwade.

O Comitê Estadual da Verdade, Memória e Justiça no Amazonas irá elaborar mais três relatórios sobre mortes de indígenas da etnia Waimiri Atroari ocorridas no regime militar durante a construção da BR-174, rodovia que liga Manaus a Boa Vista, disse Egydio Schwade. Segundo o primeiro relatório da comissão, 2 mil índios Waimiri Atroari foram mortos durante construção da BR-174.



---

**Mapa vistoria reserva indígena**  
SÍTIO DIARIODECUIABA, 03.02.2012

Equipes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento estão desde quinta-feira (31) na reserva xavante de Marãiwatsédé para averiguar o risco de existir uma epidemia de ferrugem asiática.

De acordo com a Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja), pelo menos mil hectares de plantação de soja podem já estar afetados com a doença – considerada uma praga entre os plantadores do grão.

Com a vistoria concluída, a Aprosoja e o Mapa pretendem elaborar um relatório para fundamentar o pedido à Fundação Nacional do Índio (Funai) – a responsável por monitorar todo o território - para autorizar a retirada da produção daquelas áreas.

A ferrugem reduz a produtividade da soja através da desfolha precoce da planta, ocasionando redução na produção.

Com a retirada dos produtores rurais da área, despejados em conformidade à decisão judicial da Justiça Federal – mantida pelo Supremo Tribunal Federal -, as terras ficaram abandonadas e sem passar, recentemente, por qualquer tipo de manutenção.

Por conta disso, caso surja algum foco da doença a chance dela se propagar rapidamente é alta.

Conforme a Aprosoja, em áreas de Mato Grosso onde não houve controle da ferrugem, constatou-se a existência de uma infestação entre 60% a 70% das folhas. Outro fator que traz preocupação aos produtores é a chuva – elemento favorável à disseminação da doença.

O início da retirada dos produtores da área, que fica localizada entre os municípios de Alto Boa Vista e São Félix do Araguaia, deu-se no começo de dezembro do ano passado. O território possui ao todo 165 mil hectares.

As terras eram alvo de disputa entre indígenas e produtores há 17 anos. (HF)



---

**MPF-AM exige melhorias para saúde indígena**

SÍTIO EMTEMPO, 03.02.2012

A morte de duas crianças indígenas e a comprovação de piora na prestação dos serviços de saúde indígena pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (Dsei) Alto Rio Negro, levaram o Ministério Público Federal no Amazonas (MPF-AM) a requerer, com urgência, a reapreciação dos pedidos feitos na ação civil pública que haviam sido indeferidos anteriormente, inclusive em recurso perante o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1).

Dsei é o responsável pelo subsistema especial de saúde indígena nas 655 aldeias situadas nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Barcelos e Santa Isabel do Rio Negro, distantes respectivamente 852, 399, 630 quilômetros de Manaus.

De acordo com o ministério, o pedido solicita atenção especial nos aspectos de promoção de melhorias no atendimento por médicos e odontólogos, realização adequada do transporte de pacientes, a comunicação com as aldeias e com os agentes indígenas de saúde e a adoção de medidas urgentíssimas quanto ao atendimento da aldeia Taracua-Igarapé, da etnia hupda, que enfrenta um surto de virose com duas mortes já confirmadas e pelo menos 13 pessoas doentes.

Caso haja descumprimento, é prevista uma multa diária que varia entre de R\$ 10 mil a R\$ 30 mil. O pedido foi apresentado à Justiça Federal na última quarta-feira (30) e aguarda manifestação judicial.



---

**Funai registra migração de índios isolados do Peru para o Acre**  
SÍTIO UOL, 03.02.2012

A Funai (Fundação Nacional do Índio) diz ter identificado uma presença maior de índios isolados nas florestas do Acre, na fronteira do Brasil com o Peru. Além dos registros em fotografias, tribos civilizadas têm comunicado com frequência contatos visuais e vestígios dos arredios.

Segundo a Funai, parte desses índios tem migrado da Amazônia Peruana para o Acre devido à prospecção de petróleo, em andamento na região, e da retirada de madeira e da atividade ilícita do tráfico de drogas.

A situação pode se agravar, segundo Juan Scalia, coordenador-substituto da Funai em Rio Branco, porque tramita no Congresso Peruano um projeto de lei para a construção de uma estrada ligando os municípios de Puerto Esperanza e Iñapari, na fronteira com o Brasil. "Abrir uma estrada paralela com a fronteira é uma ameaça grave. A concretização de um projeto desses abre a nossa fronteira para uma série de vulnerabilidades", alerta Scalia.

De acordo com o coordenador da Funai, a estrada deve cortar uma área de índios isolados do lado peruano. "Primeiro isso já seria um desrespeito porque não devemos forçar esses povos ao contato. Em segundo lugar, forçaria a migração para o lado brasileiro e poderia haver confronto com o povo Machineri do Alto Rio Iaco, no município de Assis Brasil. Já informamos ao Ministério das Relações Exteriores para que possa haver um diálogo sobre isso com o governo peruano", afirma.



---

**Defensores da Aldeia Maracanã afirmam que luta continua**

SÍTIO JB, 03.02.2012

A luta continua. Assim definem os defensores da permanência dos indígenas no terreno do antigo Museu do Índio, no entono do Complexo do Maracanã, que se reuniram neste sábado (2) na Aldeia Maracanã para mais um ato de apoio aos índios. Além de representantes da chamada sociedade civil também compareceram o deputado federal Marcelo Freixo (Psol) e o vereador do Rio Renato Cinco.

No último dia 28 de janeiro, o governo estadual desistiu de demolir o prédio do museu e garantiu a preservação do imóvel. No entanto, o governador Sérgio Cabral, que classifica os indígenas, que ali estão desde 2006, como "invasores", já afirmou ser contra os índios no local.

**Romeu e Julieta indígena: noivado contra a vontade das tribos**

SÍTIO R7, 03.02.2012



Em pleno século 21, a famosa história do dramaturgo inglês William Shakespeare é revivida por dois jovens índios, um da etnia Kaiapó (do Pará), o outro da Kalapalo (do Xingu). Kaiapós e Kalapalos são inimigos mortais desde 1240, quando, ao final de um grande ciclo de confrontos, os Kaiapós canibalizaram os vencidos Kalapalos na fronteira territorial, muitos dos quais grandes líderes guerreiros. Desde então, o afastamento é total e a união entre filhos destas etnias, inadmissível.

O "Romeu", desta vez, chama-se Patêr Kaiapó (nome "branco": Thiago Kaiapó). Com 23 anos, é sobrinho do famoso líder indígena brasileiro da etnia Kaiapó, Raoni Metuktire, conhecido internacionalmente por sua luta pela preservação da Amazônia e dos povos indígenas. Patêr é capitão da seleção indígena brasileira de futebol.

Küne Aweti Kalapalo (nome "branco": Samantha Kalapalo) é o nome da "Julieta". Ela tem 19 anos, é estudante e apoia as ações do pai, o Cacique e Pajé Künüé Kalapalo, grande líder do Xingu, que estabeleceu base de aproximação da nação com o mundo civilizado, em Embu das Artes, São Paulo.

CONT.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 022 / 2013

Brasília, 4 de fevereiro de 2013.

E para celebrar este amor que antes seria impossível de acontecer, neste sábado (02), um ritual inédito, fruto da união de 16 etnias diferentes, será realizado no prédio do antigo Museu do Índio, na zona norte do Rio de Janeiro. O Cacique Tukano, líder da Aldeia Maracanã, está à frente da preparação de uma cerimônia de celebração de noivado, que envolve os dois jovens indígenas. O objetivo é reunir nações indígenas amigas para abençoar o clamor de tolerância e a aceitação do amor dos noivos em suas respectivas nações e aldeias.

Thiago Kaiapó e Samantha Kalapalo se conheceram em Brasília, no ano passado, em razão de uma partida de futebol. Um não fala a língua do povo do outro e o domínio do português, por parte de ambos, foi a ponte entre eles.



### **A saga dos índios na Aldeia Maracanã**

SÍTIO EBC, 03.02.2012

"Queremos o maracá, os grafismos, as cosmologias, todos os saberes indígenas e não apenas o prédio. Queremos o projeto de nossa Universidade Indígena, a primeira do Brasil. Queremos a presença viva do indígena no coração da cidade do Rio de Janeiro. Aldeia Maracanã, avante!", dizia o cartaz que chamava para a manifestação.

O deputado federal Marcelo Freixo (PSOL), que esteve por pouco tempo no local, lembrou que o eixo do debate, antes em torno da preservação do patrimônio arquitetônico, mudou e que agora o fundamental é a permanência dos índios no local.

"O destino do prédio só pode ser pensado em um contexto que inclua a permanência dos que nele estão", disse Freixo, para quem a decisão sobre o destino dos índios "é tão importante quanto a decisão do governador de não demolir o prédio".

A decisão do governo do Rio de não demolir o prédio da Aldeia Maracanã foi anunciada, em nota, pelo Palácio Guanabara no último dia 28. De acordo com a nota, o governo levou em consideração as ponderações da sociedade a respeito do edifício histórico e analisou os estudos de dispersão do estádio – o principal argumento para a demolição –, concluindo ser possível manter o prédio no local. Insistiu, no entanto, na necessidade da saída dos índios.



---

**Grande Assembleia Munduruku mobiliza indígenas**

SÍTIO GENTEDEOPINIAO, 03.02.2012

“Não somos contra o desenvolvimento do país, mas não aceitamos ter nossas vidas destruídas em nome de um tipo de progresso que só irá beneficiar os grandes empresários que ficarão cada vez mais ricos”. Foi em clima de indignação e revolta contra grandes projetos hidrelétricos do Governo Federal previstos para a Bacia do Tapajó, que aproximadamente 500 indígenas Munduruku realizaram a grande Assembleia entre os dias 29 de janeiro a 1º de fevereiro, no município de Jacareacanga, Pará.

“O povo Munduruku está muito articulado e consciente de seus direitos. Eles estão determinados a impedirem a implantação de projetos hidrelétricos previstos para a Bacia Tapajós”, argumenta, Cleber Buzatto, secretário-executivo do Cimi.

O episódio da Operação Eldorado, na Aldeia Tele Pires, estado do Mato Grosso que resultou na morte de Adenílson Kirixi Munduruku, pela Polícia Federal, no dia 7 novembro de 2012 também foi pauta no encontro, que contou com a presença de lideranças das etnias Kayabi e Kayapó. “Todos os que cometeram o crime contra Adenílson e nossa aldeia precisam ser punidos. Em abril levaremos o caso a ONU sobre a omissão e violação grave dos direitos humanos dentro de nossa aldeia. Pedimos indenização à comunidade sobre os danos provocados, inclusive meu irmão corre o risco de amputar o braço em função do ataque”, denuncia a liderança Valdemir Munduruku.



---

**Índios de diversas aldeias ocupam a sede da SESAI no município de Sena Madureira**  
SÍTIO TERRA, 03.02.2012

Indígenas de diversas aldeias do município de Sena Madureira, invadiram a sede da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), na Rua Padre Egídio Centro, nas primeiras horas desta sexta-feira (1).

Os funcionários do órgão não foram ao trabalho devido à ocupação e ainda por temerem represália.

Cerca de 80 pessoas de aldeias do interior do estado reivindicam mais investimentos e a mudanças na diretoria do órgão local. Eles ainda solicitam uma melhor qualidade na prestação de serviços relacionados à Saúde indígena.

A manifestação ocorre de maneira pacífica e eles esperam que aconteça uma solução para o impasse o mais rápido possível, caso contrário vão permanecer ocupando a sede da SESAI por tempo indeterminado.

Os índios solicitam ainda a exoneração imediata dos diretores do núcleo no município Valmir Darc e Laércio Mendes. A maior reclamação é que o serviço voltado à Saúde indígena, não vem atendendo as comunidades ribeirinhas, ou seja, é quase inexistente e de péssima qualidade.

Os indígenas solicitam também do Ministério Público, uma investigação para saber onde foram aplicados os recursos destinados à saúde dos povos indígenas da região.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 022 / 2013

Brasília, 4 de fevereiro de 2013.

---

**Conheça a triste realidade dos índios no Brasil**

SÍTIO IGOSPEL, 03.02.2012

Atualmente, existem 800 mil índios no Brasil, segundo o último senso levantado pelo IBGE, em 2011. Apesar de serem nativos, muitos deles vivem como escravos e diariamente lutam em uma guerra silenciosa. Uma guerra que não é mais em prol dos recursos naturais, mas para garantirem sua sobrevivência e recuperar suas terras.

Sensibilizados com o tema, a produção do O2TV realizou uma matéria mostrando a realidade dos Guarani Kaiowá, segunda maior tribo do país, composta por aproximadamente 45 mil índios.

Esta notícia possui recursos multimídia. [Clique aqui.](#)



---

**Dilma pede que MDA prepare nova proposta para quilombolas**

SÍTIO TOP, 03.02.2012

Uma nova proposta do governo federal pode ser apresentada aos quilombolas do Rio dos Macacos nos próximos dias. A informação foi passada pelo ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário (MDA), em reunião na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, solicitada pelo deputado federal Luiz Alberto (PT/BA), ocorrida esta semana em Brasília.

De acordo com o titular do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), a presidenta Dilma Rousseff, que está ciente da questão, orientou-o a preparar uma nova proposta para os quilombolas, diferente daquela defendida pela Marinha do Brasil.

Estiveram presentes também na reunião o presidente do colegiado, deputado Domingos Dutra (PT/MA) e o deputado Valmir Assunção (PT/BA).